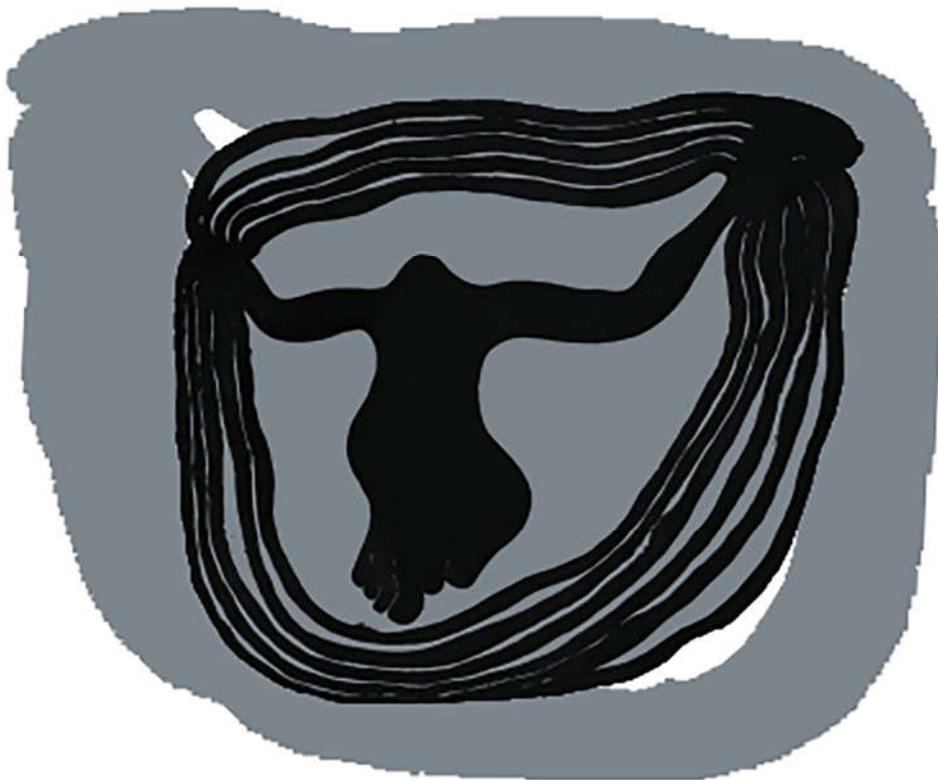


Elegância natural



Capa do livro *Os anos de chumbo*, de Chico Buarque, 2021, fotografia (detalhe).

Jorge Coli

Doutor em Filosofia pela Universidade de São Paulo (USP). Professor dos cursos de graduação e pós-graduação em História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Pesquisador do CNPq. Autor, entre outros livros, de *O corpo da liberdade*. 2. ed. São Paulo: Sesi, 2019. jorgecoli63@gmail.com

Elegância natural¹

Natural elegance

Jorge Coli



Há uma piadinha assim:

Um brasileiro pergunta para a recepcionista de hotel.

— Ô, minha! Tem algum lugar aí para dar uma cagada bem foda?

A moça responde:

— É simples. O senhor segue por aquele corredor e logo verá, à direita, uma porta com uma placa onde está escrito: cavalheiros. Apesar disso, pode entrar.

A cafajestice, me parece, tem um traço ideológico bolsonarista. Basta lembrar aquele vídeo vazado do conselho de ministros, em que a discussão era emporcalhada pelas palavras mais vulgares, obscenas, tão sórdidas quanto as propostas que se discutiam ali. Essas expressões revelam a natureza moral do cotidiano no qual essas pessoas estão imersas.

Ela, a cafajestice, não se limita ao bolsonarismo, decerto, mas institucionalizou-se, tornou-se monumental e proclamada. A grosseria, a incivilidade, parece ganhar terreno em Banânia, e cada vez mais, a elegância se afasta.

A palavra elegância tem alguma coisa de envelhecido e fora de moda: mau sinal.

Não me refiro às roupas de grife, à ostentação de riqueza, aos gestos afetados. Isso é o contrário da elegância. É o brega.

A elegância é natural. Ela vem de dentro, é filha do respeito, da atenção para com o outro, da delicadeza em relação ao mundo que nos cerca. Não é fabricada. É orgânica.

Quando penso em elegância natural, vem à minha lembrança uma dupla de cantores que fez muito sucesso: Cascatinha e Inhana. Basta ver o vídeo em que cantam a guarânia “Índia”² para saber o que é a elegância natural. Inhana, com seu xale em volta do pescoço, Cascatinha, no porte impecável de seu paletó, e sobretudo a contenção dos gestos, a concentração na melodia, na articulação de cada palavra, sem contar a maravilhosa combinação da voz doce de Inhana sobre o tom rouco de Cascatinha. Eles herdaram a postura caipira – não é um paradoxo, há uma admirável elegância caipira – do casal que Almeida Jr. captou em *O violeiro*.

¹ Nota da Editoria: A primeira versão deste texto foi publicada na *Folha de S. Paulo*, 3 mar. 2022, sob o título “Chico Buarque cria, em livro de contos, mal-estar que brota da delicadeza”. Logo abaixo, uma chamada anunciava: “Mar de vulgaridades que inundam o país torna exceção os momentos de elegância e leveza”. Agradecemos ao autor, conselheiro da *ArtCultura*: Revista de História, Cultura e Arte, pela disposição de revisá-lo e reencaminhá-lo a nós tão logo instado a republicá-lo.

² Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=OJa1YtmmNVE>>. Acesso em 10 fev. 2022.

A noção de elegância, que se associa à delicadeza, é muito pensada como superficialidade, como barreira para algo mais profundo ou vigoroso, que seria reservado ao que é pesado, ou mesmo, à truculência. Isso é, evidentemente, falso. Como demonstram bem os escritores do século XVIII, como demonstra Proust, ou Machado de Assis.

A perda da elegância, questão muito menos frívola do que parece, esse mar nauseabundo, malcheiroso, de vulgaridades que inundou o país, torna exceção os momentos de delicadeza.

Estas reflexões me vieram ao espírito ao terminar, há pouco, de ler *Anos de chumbo*, que Chico Buarque lançou em 2021.

A impressão primeira que me fica é esta: elegância e delicadeza. Chico Buarque escreve com simplicidade, sem buscar efeitos dramáticos ou choques. O tom é pausado, confidencial, em frases claras, construídas com um sutil equilíbrio: “Era grande a possibilidade de dar tudo errado, mas ela disse que eu não tinha nada a perder” – é a abertura de um desses contos perfeitos, “O sítio”. Ou ainda: “Meu tio veio me buscar em casa com seu carro novo”, em “Meu tio”, que vale bem o “Muito tempo, eu me deitei cedo”, de Proust.

Chico Buarque avança, em todas essas histórias, com uma neutralidade calma e um pouco melancólica. As palavras servem para descrever com sobriedade os ambientes, os espaços de embarque num aeroporto, por exemplo, ou a bandeja com açucareiro, bule e xícaras de café. O início pode ser misterioso: uma batalha do exército confederado norte-americano, no dia nove de maio de 1971, porém. O mistério se elucida paulatinamente, cada vez mais doloroso, para o personagem central, e para o mundo em que ele, e nós, vivemos.

A simplicidade despreziosa vai criando situações que parecem perfeitamente naturais. Aos poucos, pontos decisivos vão sendo revelados, levando a leitura, de modo imperceptível, para situações terríveis, fantasmagóricas. Vão chegando indícios que criam climas deletérios, dos tempos da ditadura, correspondendo tanto ao Brasil de hoje. Por vezes, é uma reviravolta mais importante, que ilumina a história de frente para trás, e dá sentido ao que foi contado.

É um livro de crítica, de denúncia, sem dúvida. No entanto, essas palavras – crítica, denúncia – são pesadas demais, panfletárias demais, para qualificar o que ocorre nessas páginas. É pela intuição, pela simpatia, ou pela aversão, que *Anos de chumbo* vai a fundo. Procede por meio de uma escrita rica nas nuances, com pequenos toques, aéreos e nítidos. O leitor é tomado por mal-estar, má consciência, nojo, porém tudo isso brotando da elegância, da delicadeza, da leveza, em claridade furtiva. Profundidade mozartiana - com perdão do paralelo afetado, mas é o que me ocorre – capaz de levar a despenhadeiros de angústia sem perder o refinamento.

Sinto que é um pouco estranho falar de delicadeza e elegância em tempos de guerra. Mas, como se sabe, o diabo está nas coisas miúdas.

Artigo recebido e aprovado em 5 de março de 2022.